Para Todos

Dentes
como um fío de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fío de Perolas.
A *pasta „Odol“* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O *liquido „Odol“* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Odol
pasta dent
Odo

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas

1 anno — 75$000

6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º

End. telegr.: "Paratodos"

Telephone: 2-9654

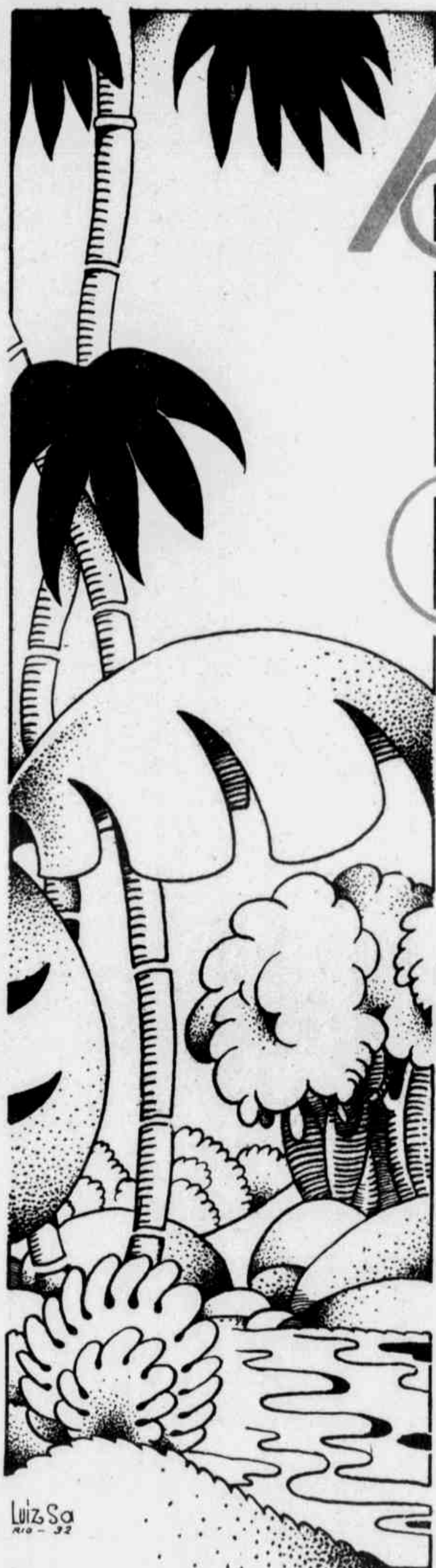
NICTHEROY

Praça Martim Affonso

AS CREANÇAS E OS VELHOS

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos áccessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada *Tosse dos Velhos* e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

BRASIL

Benjamim Costallat

O calor é brasileiro.

Os primeiros dias quentes fazem-me como se eu voltasse de uma viajem a outras terras estranhas. E sinto-me, novamente, no Brasil.

Quando as nuvens de cupim giram em torno á minha lampada, quando o sól morre, vermelho e redondo nas grandes tardes abafadas, quando o céo está baixo e carregado, e as trovoadas, distantes, roncam, ameaçadoras — eu volto á minha patria.

O calor é brasileiro.

O calor é moreno, tem olhos accesos, é sensual, tem um cheiro forte de seiva e de procreação.

O calor chama os homens á vida, e os animaes ao amor.

São as florestas immensas, são os rios cheios, são os perfumes violentos, são os barrancos em sangue, são as chuvaradas que despencam, são os raios que riscam o espaço, é o sólo que amanhece em festa, todos os dias, com uma vegetação nova, novas flôres e frutos maduros.

O calor é minha terra!

Luiz Sá
Rio — 32

PAULO PRADO

POR DI CAVALCANTI

CONTO

SR. João Vicente
Cidade.
Distinguido amigo

"Dou-lhe meus agradecimentos pelo ramo de flores que teve a gentileza de enviar-me no dia de meu aniversario e acuso o recebimento da carta de felicitações que juntou ás flores; a qual não sei como contestar porque, já o sr. sabe, minha mãe vê com gosto nossas relações, porém, meu pae crê que, se o sr. me quizesse devéras, viria diretamente falar com ele. O sr. conhece a meu pai ha muito tempo. Por que não nos faz uma visita? Amanhã, sabado, ás 8 horas da noite, o esperamos em casa. Virá? Assim o espera

Lulú."

João Vicente leu a carta e sorriu.

— Nada, nada — disse — estendem-me a rede matrimonial e vou deixar-me pescar. Tenho trinta anos; ela tem vinte. Vinte, mais dez: trinta. E' dez anos mais moça que eu. Que coincidencia! Minha *lenda mixta* custou-me exatamente dez mil pesos. Logo, somos da mesma idada... Cada mil pesos no capital de um homem fazem com que pareça mais moço aos olhos de uma mulher. E' verdade que os negocios não vão de todo mal, é que dentro de quinze anos meu capital estará aumentado de quinze mil pesos mais, e então poderei casar me com uma pequena de vinte anos... Porém, não, não: é muito esperar... Desta feita me caso mesmo. Amanhã vou falar com o velho; vou, seguramente irei.

E foi. Daria as oito o velho relogio da torre perto, se o velho relogio dessa torre não estivesse parado, quando João Vicente entrou na casa de seus provaveis papais politicos. Cinco minutos mais tarde já se encontrava sentado numa cadeira na sala de visitas, tendo á sua direita Don Luiz, pai de Lulú; á esquerda, D. Esperança, mãe de Lulú; e em frente, a propria Lulú, que estava dando fé do "divino tesouro" de seus vinte anos, radiante de beleza.

Durante a breve pausa que seguiu aos cumprimentos proprios do caso, João Vicente, teve ocasião de observar os sinaes inequivocos de que sua visita era esperada: A limpeza absoluta e ordem rigorosa que guardavam todos os objetos na sala não indicavam outra cousa. Até as flores recem colocadas no floreiro de cristal sobre a mesinha do centro, pareciam querer delatar com seu perfume a marcada intenção com que tinham sido postas ali.

— *Bueno*, João Vicente; a que devemos o prazer de vê-lo por aqui esta noite? — disse Don Luiz, apelando para esta classica e socarrona pergunta, para romper o silencio, e por sua vez encobrir que tinha sido ele mesmo que ditára a carta que Lulú mandara no dia anterior.

— Venho dizer-lhes que vou me casar — Respondeu João Vicente, seguro de si mesmo, olhando fixamente para Lulú.

— Homem, é o melhor que fazes; mas, não dizem por aí que você jurou não se casar nunca?

Algo de certo tinha de haver nisso, ou talvez de todo certo, porque João Vicente, desviando rapidamente a vista de Lulú e dirigindo-se a Don Luiz apressou-se a desmentir de cheio, atribuindo o rumor á obra imoral da gente ociosa que para levar e trazer uma novidade caseira são capazes de perder o sono. Recordou que um escritor espanhol, Manuel Bueno, tinha dito que em nosso paiz ninguem se deita sem saber o que comeu o vizinho do lado, e termina dizendo: "Demais, não me casei antes porque não chegou minha hora. O sr. sabe, Don Luiz, que todos nós casamos quando chega a nossa hora."

— E' assim, filho; é assim — afirmou Don Luiz tuteando já a João Vicente. E para que vejas que é assim, vou contar-te o caso do meu casamento. Quando me casei, com esta, minha senhora, eu tinha trinta anos, e nunca tinha pensado em casar-me; tinha ela vinte e tres e era viuva... Uma viuva inconsolavel...

Não é verdade, Esperança, que eras uma viuva inconsolavel?

Sorriu D. Esperança para dissimu-

INOPORTUNO

De
CONSTANTINO CASTRO
(Tradução de João Fontoura)

MARIO de ANDRADE
Por Guevara

lar a pouco agradavel direção que estava tomando a conversa, e Don Luiz prosseguiu:

— Depois de poucos meses de casada ficou viuva, e não se falava em outra cousa na cidade senão da viuvita de Fernandez, que estava morrendo de "melancolitis". Seus pais não sabiam o que fazer com ela: Negava-se a tomar alimentos e pedia encarecidamente que a enterrassem mesmo viva com seu defunto marido. O caso era sumamente grave, e eu que frequentava a casa de seus pais e que sempre fui um verdadeiro artista nisto de fingir uma paixão amorosa, tratei de namorá-la, não para casar-me com ela, mas, para consolá-la porque tinha muita pena do que ela e seus pais estavam sofrendo. E, viva Deus, que não fiz de lado mal, porque no fim de seis meses estavamos comprometidos para casar-nos e oito dias depois, marcada a data das bodas, sem que me atrevesse a pôr as cousas em seu logar e sem encontrar pretexto para a quebra de nossas relações: cousa, esta ultima, que me tinha sido bem facil em outras ocasiões semelhantes, com as outras quinze ou vinte noivas que tinha tido.

Perguntava a mim mesmo o que devia fazer, e como não soubesse o que responder, fui consultar com um amigo: "Que deves fazer ? disse-me o amigo — Fugir como um cobarde que és". "Obrigado" — respondo. E no dia seguinte bem cedo dispunha-me a entrar na estação da estrada de ferro para tomar o trem que me levaria a terras distantes, quando me senti fortemente preso por um braço: Era o pai da pequena, que tinha aprendido a defender a honra de sua filha nos campos de batalha, defendendo a honra de sua patria. Lançou-me um olhar terrivel. "Sinto — disse ele — que uma filha minha se case com um ser tão hipocrita, tão vil, tão baixo e tão rasteiro como você; porém, o que está feito está feito. Pode você escolher: ou casa com ela ou morre crivado de balas." Eu na verdade tinha pouca vontade de casar-me, porém, tinha muito menos vontade ainda de morrer crivado de balas, e optei pelo primeiro. No dia marcado como se nada tivesse havido, efetuaram-se nossas bodas, e em boa hora te digo, faz isso mais de vinte anos e nunca me arrependi de ter-me casado. Temos sido muito felizes.

Isso em sintese, foi o que contou Don Luiz, porque falou muito mais, muito mais. Don Luiz ostentava com orgulho o titulo de Campeão Nacional de Oratoria, titulo que tinha ganho num torneio em que passou oito dias falando em um teatro á vista do publico. Bem o sabio João Vicente, por isso quando o viu abrir a boca como para continuar a falar, tirou o relogio — "elgin, 14 carats solid gold" — não tanto para mostrá-lo como para arranjar pretexto de retirada.

— Meia noite ! — exclamou — Que tarde já é ! Bueno — me vou — Boa noite, e até amanhã.

Disse e isso e rumava á porta ao tempo em que D. Esperança cansada já de guardar silencio por tanto tempo, gritou:

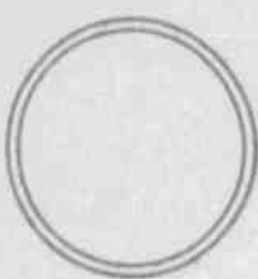
— João Vicente ! Não se esqueceu de nada ?

— Ah, sim ! O chapéu — disse este levando a mão á cabeça.

— O chapéu, ah, ah, ah, — riu Don Luiz, sarcasticamente — O chapéu, ah ! ah ! ah !

Como final, ouviu-se um "descansem", pronunciado por João Vicente ao sair, porém, de dentro ninguem respondeu...

Reticencias...

R. Magalhães Junior

O calor continúa terrivel. De quando em quando, o Departamento de Meteorologia entende de ser gentil com a gente e avisa: "amanhã, tempo fresco, com suave viração." Mas não ha geito. Continúa o mesmo calor de "escachar", como dizia aquelle personagem de Eça. O Rio é uma grande fornalha. Augmenta espantosamente o consumo de refrescos, de "chopps", de sorvetes. Floresce a industria dos ventiladores. E o calor continúa, barbaro, inclemente... Fazendo ferver o asphalto e desprestigiando as mulheres... Olha-se com mais sympathia para um "ice-cream" do que para uma "girl" adolescente... Baixa o registro matrimonial das pretorias... Máo tempo para o amôr...

* * *

Eu gosto das palavras saborosas que o povo cria. Eu gosto dos vocabulos da gyria, mais expressivos, mais eloquentes do que todo o vocabulario de Ruy Barbosa. "Fuzarca" é uma creação empolgante, é um neologismo incomparavel. "Farra" eram os peccadilhos extra-conjugaes dos nossos avós, quando nem sequer se falava em "jazz", "cock-tails", "dancing-girls", entorpecentes e "tintureiros." "Fuzarca" é tudo: itinerario Casino Copacabana — Policia Central. E "tapear", então? Que expressão magnifica, essa que o Sr. Coelho Netto, com os seus pruridos de atheniense, talvez repudie, mas que eu, bororó e antropophago, acceito e consagro! "Tapear" caracterisa bem um habito genuinamente carioca. O carioca vive "tapeando." "Tapeando" os outros e a si mesmo. O galante chronista Victor de Carvalho não gosta de vocabulos da gyria. Com elle é só no francez. Mocotó é "main de vache." Não diz "tapear." Prefere dizer "épater." Mas devia dizer, porque "tapear" é a traducção mais bem achada que se podia fazer de "épater." Quasi com as mesmas letras...

* * *

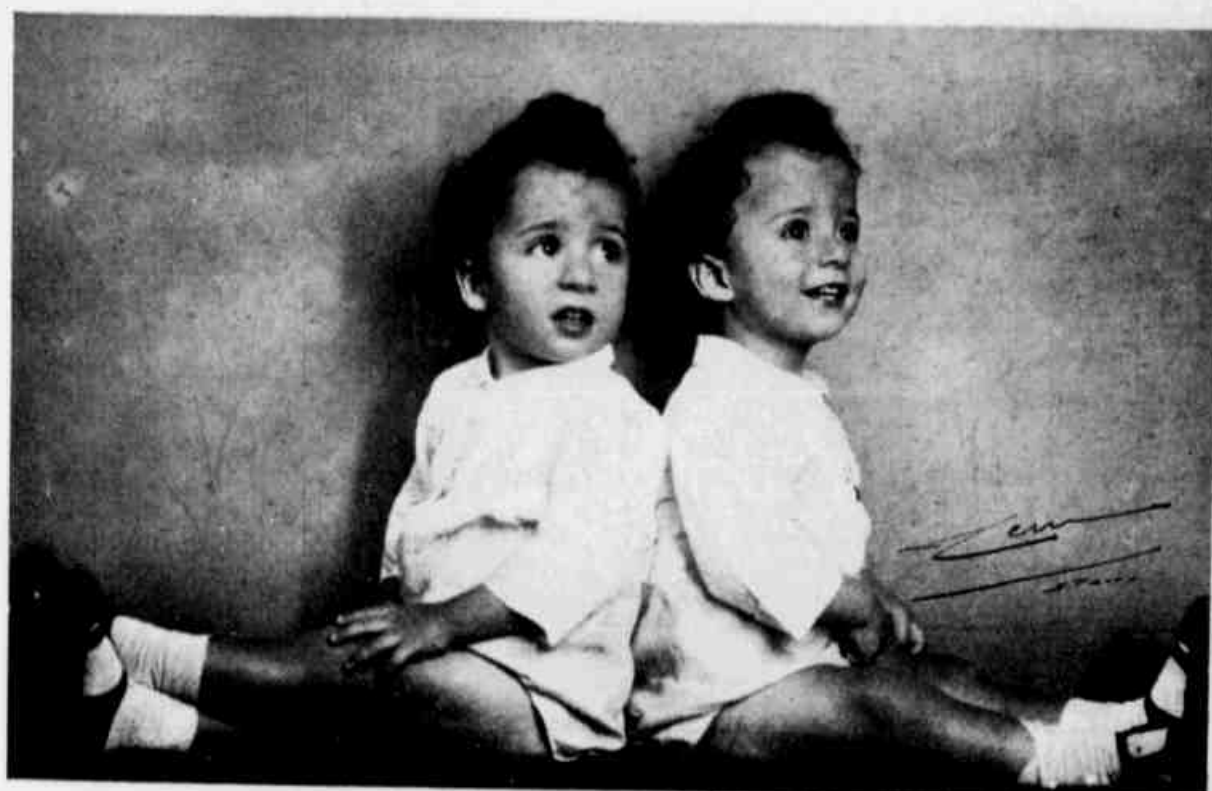
Ali na Galeria Cruzeiro, havia uma coisa que me atemorisava, que me fazia arrepiar os cabellos como uma narrativa macabra de Poe ou de Hoffmann. Era uma usina de transformação electrica que alimentava os telephones da Light (não é reclame a modos de outros que andam por ahi...) e onde havia um enorme letreiro com os seguintes dizeres, sob o desenho de uma caveira: **"Perigo de morte — Não se approxime."**

Agora, com surpreza, verifiquei que desappareceu dali a usina electrica e no local foi inaugurado um café — (tambem não é reclame). Um café que seria como todos os demais, em que a gente só entra para beber agua gelada e fabricar boatos politicos, se não fosse servido por uma duzia de mulatinhas dengosas, cuja côr, cheiro e cabello absolutamente não negam. Typo das pequenas que põem tragedia na vida da gente. Foi-se a usina. Veio o café. O letreiro é que podia ter ficado...

"Liszt"

Desenho de Sotéro Cósme

Creanças de São Paulo

Photos Cerri

Annibal e Raphael,
filhos do casal Raphael Paes de Barros.

Antoinette, filha do casal Sebastião Formosinho.

Clarita, Antonio Carlos, Persio, Maria Cecilia, filhos do casal A. C. Pacheco e Silva.

June Dephne,
filha do casal Walter Andrews.

Jiu-Jitsu x Capoeiragem

Primeira phase do combate

Terrivel golpe de Antonio Carlos.

O Dr. Carlos Portella é um admirador enthusiasta do jiu-jitsu. Conhecendo a luta nipponica, ensinou ao seu primogenito Antonio Carlos alguns dos golpes mais efficientes. Chamou o Zé Alves, um negrinho esperto, e administrou-lhe ensinamentos da capoeiragem. Isto feito, após algumas semanas de treinamento, submetteu os dois garotos a duras provas, que foram apanhadas pela objectiva de "Para Todos..."

Antonio Carlos vae fazer Zé Alves dar um passeio pelos ares.

Depois de dominar o adversario,

O "japonez" vae transformar em saca-rolha a perna do capoeira.

Torsão damnada.

"Leg lock".

Carnaval em São Paulo

Morosita Avelar e Isabel Sampaio

Paulo Sampaio

O FILHO

ALVARO MOREYRA

Naquella manhã, elle era muito pequeno. Foi uma gritaria na estalagem. Vieram uns homens, levaram o pae chorando, sem casaco, sem chapéo, de pé no chão. Depois, outros homens viéram, levaram a mãe dormindo, coberta de sangue.

Ficou sósinho no quarto todo desarrumado.

A visinha tomou conta delle.

Agóra, está grande. Já fez sete annos. Sabe uma porção de coisas.

Sabe que a mãe está no cemiterio e o pae está na prisão. Sabe que da prisão a gente volta um dia e que do cemiterio ninguem volta nunca mais. Sabe que os paes que não estão na prisão e as mães que não estão no cemiterio, e moram perto dalli, não querem que os filhos brinquem com elle. Sabe que é um menino desgraçado...

Mas não sabe porque...

O baile em estylo russo da Sociedade Filosofia no Theatro S. Pedro.

Carnaval em Porto Alegre

A Rainha da Filosofia, Senhorita Heloisa Pereira da Costa, e seus ajudantes de ordens, e o cordão "Zigue-Zague".

Alma Brasileira

GRAÇA ARANHA

A nossa alma é multipla, mysteriosa e estranha. Ella tem no seu firmamento uma infinidade de deuses. Quando eu quero buscar as divindades que me agitam as cellulas inconscientes, e me exaltam e me governam, não ergo os olhos para o céo, volto-me para o abysmo insondavel do meu espirito. Curvado sobre este mundo longinquo, ora sou deslumbrado vendo desfilar fórmas luminosas e docemente plasticas, ora espio curioso sombras satanicas que se embuçam nas trevas, me atormentam com os seus esgares infernaes, ora de horror se me fecham vertiginosas, devorantes as palpebras dos meus olhos avidos ante as visagens tremendas e escancaradas de monstros de fórmas nunca imaginadas. Tudo é a minha alma, tudo é a alma tenebrosa da minha raça... E nestes chaos as divindades se confundem, se emmaranham, se combatem ferozmente. Os meus olhos se habituam á treva, ao espanto, á agonia. Quando as sombras passam ellas me fitam amorosamente numa ancia de posse exclusiva e dominadora. O meu corpo é o desejo de cada uma. Todas procuram reduzir-me, vencer-me e eu sou o pasto das suas ambições e perfidias. Quero arrebatar-me de mim mesmo e fico delirante chamando-as. Ao meu appello ellas correm supplices. Lá no fundo do circulo umas são embaciadas, quasi indistinctas, como se fossem as almas das nebulosas geradoras, outras fluidas mandam-me o seu halito sem fórma, como a alma dos ventos, outras deslisam como aguas, aquellas surgindo do limo da terra, tão verdes como as arvores... E aspectos, vastidão de seculos, entorpecem na nevoa sem fim. Mais perto surgem outras. Aquella é negra e tingida de sangue, primitiva e ardente, tem na retina aguda a visão do deserto devorador que a persegue implacavel; aquella é negra tambem e é branda, é um feitiço, e se despedaça eternamente para dar a vida que outras lhe bebem no sangue generoso... Essa é a alma rubra que se encheu da voz do trovão, que se amedronta ao rumor da floresta, que é encarniçada em sua força e que destruiu sem nunca ter cedido ao affago de almas estranhas...

"Tocador de Sanfona"

GRAVURA EM MADEIRA DE EEKMANN

E os meus olhos chamam sempre, e todo o mundo interior se esclarece fantasticamente; tudo é luz, tudo é gloria, tudo é criação. Vêm vindo almas nobres altivas que me avassalam e me inspiram. Uma confabulou com a divindade no deserto, solenne, severa, mostra-me a immensidade cheia do Espirito. E os meus olhos inquietos se desviam do seu olhar duro e matador e sorriem volvidos para a alma branca que infiltrou de sonho o mundo das aguas e o mundo das terras, que se cobriu de neve para ser mais pura e mais alma, e viveu na carne das mulheres douradas. Esta outra cresceu na solidão, de onde tudo surge agudo e intenso, entendeu os astros na noite maravilhosa, e, docil, balbuciou orações submissas á fatalidade, e, meiga, na lubricidade do sol, impregnou de volupia o mundo todo e o proprio céo. E a alma grega, a alma latina, majestatica e senhora que venceu, dominou e agasalhou o Universo...

Tal é o ser estranho e numeroso da minha raça. Assim, não será mais o espirito da sua infinita posteridade.

COISAS DE HOLLYWOOD

RITA GALE

HOLLYWOOD com os seus milhões de "dollars" passando pelas mãos de pessoas frequentemenle não acostumadas a lidar com quantias tão elevadas, era outróra o paraiso dos charlatães e aventureiros. Astrologos, magos, fakirs, cartomantes, emfim pessoas pouco escrupulosas haviam armado seu quartel general no Boulevard de Hollywood.

Pôr em pratica estas espertezas em Hollywood era então o sonho dourado de todos. Com o correr do tempo, comtudo, os artistas cinematographicos puzeram-se de atalaia e hoje em dia mui poucos charlatães logram abrir caminho até o bolso generoso dos artistas. O que ainda aborrece muito os artistas são os pequenos roubos, furtos insignificantes que os despojam dum dollar aqui, de cinco ali e de dez mais adeante... constituindo deste modo uma perda consideravel.

Por exemplo, numa certa occasião, Marion Davies recebeu um pacote certificado contendo uma bagatela qualquer. Julgando que se tratava dum presente enviado por algum admirador — o que acontece frequentemente na Cinelandia — Marion assignou o recibo do correio e não voltou mais a se ocupar do assumpto. Varios dias depois, um individuo se apresentou na sua casa cobrando-lhe vinte e cinco "dollars" como valor daquelle objecto; e, como sua assignatura constava do recibo, Marion preferiu " pagar " a somma exigida em vez de se incommodar levando o caso aos tribunaes de justiça. A verdade é que esta patifaria jamais virá dar resultado em Hollywood, pois, sendo divulgada a historia, os artistas já não assignam recibo de nenhum pacote cuja procedencia ignoram.

Constanse Bennett

Marlene Dietrich

BILLIE DOVE

O inesquecivel Lon Chaney foi numa certa occasião victima duma trapaça semelhante. Um individuo lhe escreveu da Europa, mendigando algumas das suas roupas velhas. Chaney accedeu a este pedido. . . e mezes depois, viu numa revista varios retratos do individuo em questão que se annunciava como "O Lon Chaney Europeu". O trapaceiro havia utilizado as roupas de Lon Chaney para copiar suas caracterisações.

Um outro escreveu a diferentes artistas solicitando nada mais do que um ou dois "dollars" ! As cartas estavam redigidas em termos capazes de commover as pedras... só que cada uma das missivas narrava uma historia differente. E a pessoa que escreveu tal carta tinha se esquecido de mudar a letra e o nome. Quando Norma Shearer e Marie Dressler compararam as missivas recebidas, viram que numa o nescio falava a Norma de seus filhos perecendo a fome, e na de Marie contava que sua mulher estava tuberculosa. Devemos dizer que todos os artistas cahiram na armadilha e o pelintra reuniu, apezar de não ter mudado seu nome nem letra, uma somma consideravel.

O pior e que estes furtos resultam em prejuizo do verdadeiro necessitado. Os artistas, naturalmente, não estão dispostos a se deixarem enganar, e os necessitados não tendo outro meio de communicação com os artistas a não ser por meio de cartas, resulta quasi sempre impossivel separar o trigo do joio.

Ha algum tempo, as estrellas mais notaveis de Hollywood receberam commoventes cartas duma mulher de San Francisco que lhes pedia alguns vestidos usados para suas filhas. Alguns mezes depois, uma amiga de Joan Crawford viu um vestido da celebre estrella da Metro-Goldwyn-Mayer, numa loja de San Francisco e não tardou em descobrir que a autora das cartas havia estabelecido uma pequena loja com os vestidos das compassivas estrellas.

Juliette Compton

ETERNO PIERROT

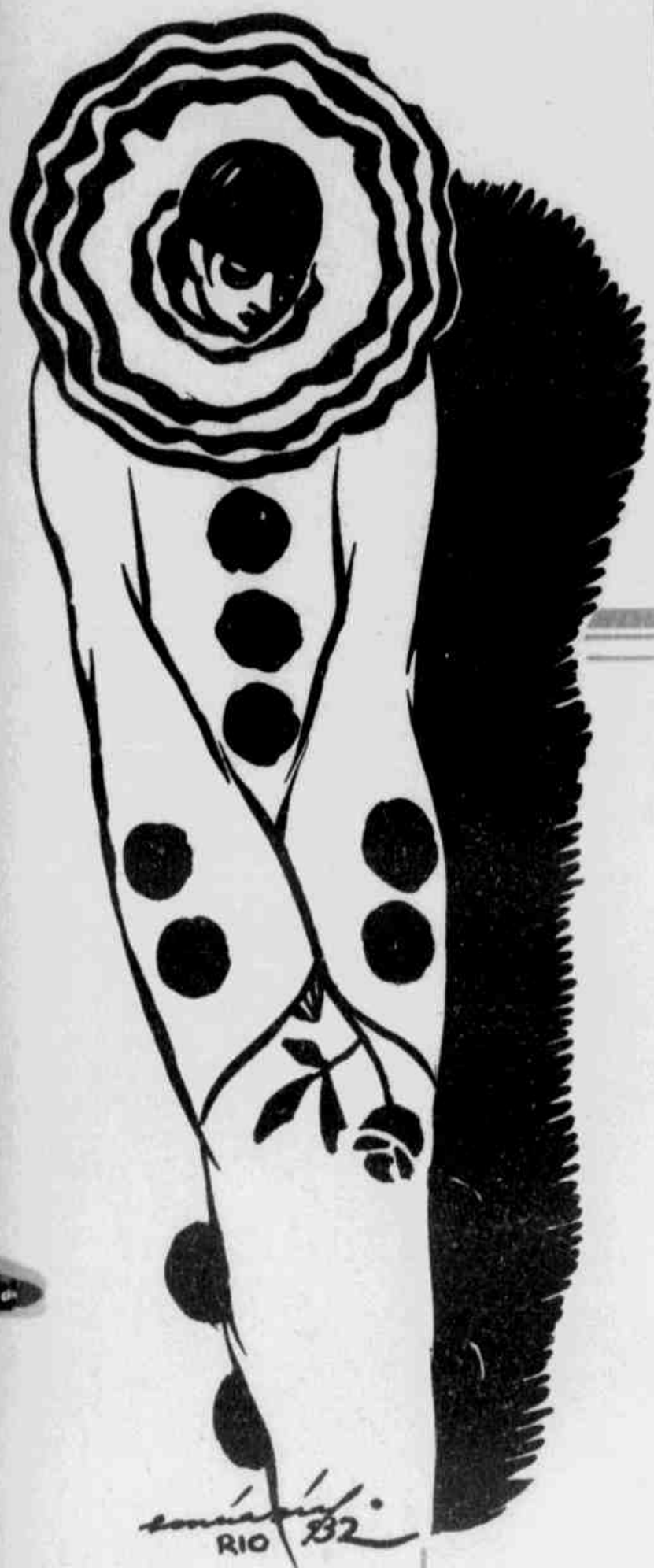
A. Figueiredo Pimentel

Desenho de Correia Dias

Ao rosto afivelei a mascara do riso,
e em cada um dos botões da roupa puz um guiso
á moda de Arlequim . . .

Pelas ruas sahi, rindo alegre e cantando
os outros foliões ruidósos imitando,
numa orgia sem fim . . .

Mas em meio da festa, em plena alegria
um soluço de dôr do meu peito sahia . . .
(Ai! Quem nunca chorou ? !)

Tanta era a minha dôr, meu pezar era tanto
que não pude conter as lagrimas . . . meu pranto
a masc ra descollou . . .

NA CIDADE

MARTIM LUZ

E' no sexto andar do Edificio Capitolio. Sóbe-se por um elevador malandro, pela Rua Alvaro Alvim.

Duas salas, um **hall**, banheiro.

Na sala interna, mesa com tinteiro e pelas paredes exposição de alguns quadros de Bruno Lechowski.

No "hall", uma estante, com alguns livros, (alguns), uma mesinha com muitos copos (muitos), um cabide sem chapéos, (geralmente se põe o chapéo por muitos logares, menos no cabide).

Na sala da frente, é que o caso é serio.

Panorama maravilhoso pelas janellas que se abrem para a Avenida, para a bahia, para as ilhas longinquas, para o céo ainda mais distante. Nas paredes, paineis de Romano, Bruno Lechowski, Edson Motta, Luis Abreu, Kalixto, Luiz Peixoto, Fritz, Correia Dias.

Um piano. Uma victrola. Discos. Uma cadeira de se cochilar. Um divan, Uma mesinha, cadeiras.

E, na tarde em que tomei estas notas, no meio da sala, sentados, em pé, dizendo "blagues", recitando, conversando, tomando aperitivos, a dansarina Valery, Annibal Bomfim, Raphael Pinheiro, Luiz Edmundo, Luiz Peixoto, Oduvaldo Vianna, Machado Florence, Fritz, Licurgo Costa, Romano, Hugo Auler, Flexa Ribeiro, Carlos Maul, Roman Poznanski, Amorim Netto, e o jovem artista lithuano Boris Sapiro, que declamou (imaginem!) Shakespeare no original!...

J. Thomaz, com a sua orchestra, tocou algumas musicas alegres. Flexa Ribeiro e Machado Florence dansaram... com a Valery.

E' o "Grupo do Bodoque".

O nome é ostensivamente nacionalista.

O "Grupo do Bodoque", aggremiação exclusivamente composta de artistas, jornalistas, intellectuaes, nasceu, ha alguns annos, do esforço quasi pessoal de dois idealistas: Raphael Pinheiro e Annibal Bomfim.

Raphael, póde-se dizer, foi o principal idealisador e organisador. Bomfim tem sido e é ainda o grande mantenedor, o animador incansavel e indispensavel.

Quem não conhece ambos?

Raphael Pinheiro, o grande tribuno, o homem de sociedade e de espirito, o medico querido, o enorme coração... Annibal Bomfim, o jornalista prestigioso, o technico competente, o "gentleman" brilhante, o "causeur" admiravel.

E' o "cacique" actual.

Ali, naquelle sexto andar, aggremiação de artistas, recanto bohemio da intelligencia, passam-se horas de convivencia agradavel.

Além dos já citados, são frequentadores assiduos do "Bodoque", Joracy Camargo, Ruben Gill, Paschoal Carlos Magno, Luiz de Gonzaga, Alvarus, Flavio Andrade e outros.

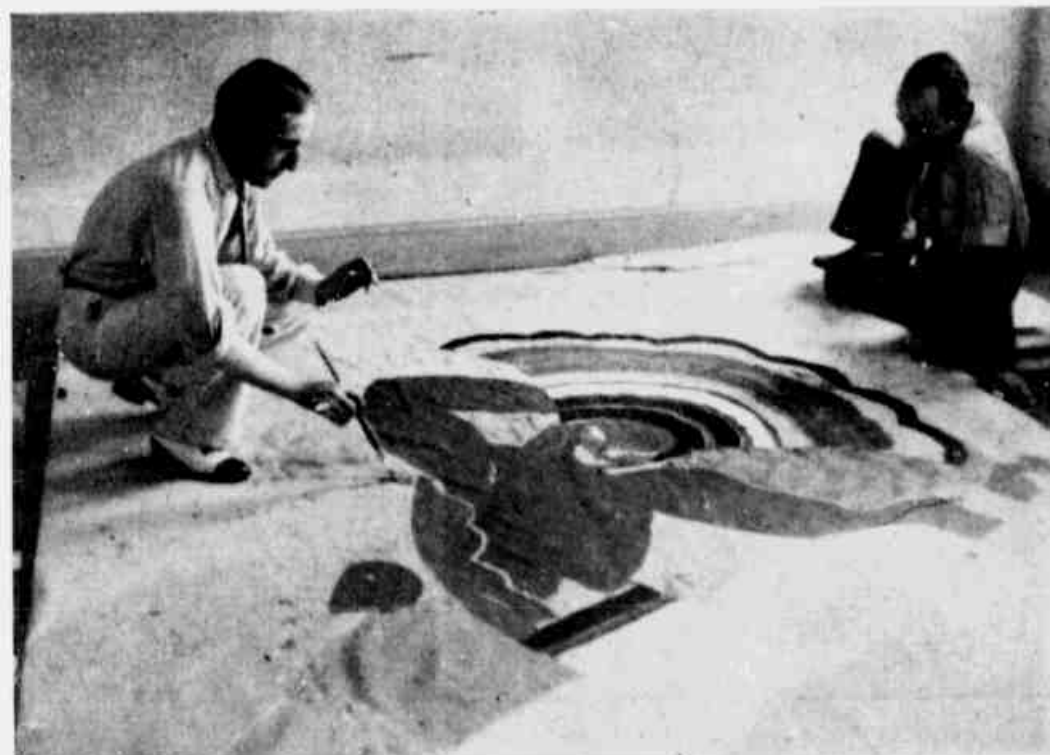
Bébe-se um pouco. Conversa-se muito. Conta-se muita "blague" e... muita mentira.

E a gente sahe de lá satisfeita.

Sem pensar que a vida não é apenas aquelle 6º andar...

E que bom que fosse!

Quando Flavio, Romano, Kalixto, Laus, Lechowski e Edson faziam os painéis do "Grupo do Bodoque".

Luiz Peixoto trabalhando!

REPOR

Senhoritas que serviram as mesas no Chá das Hostensias, em Petropolis.

Recepção da grand
Von Reznich

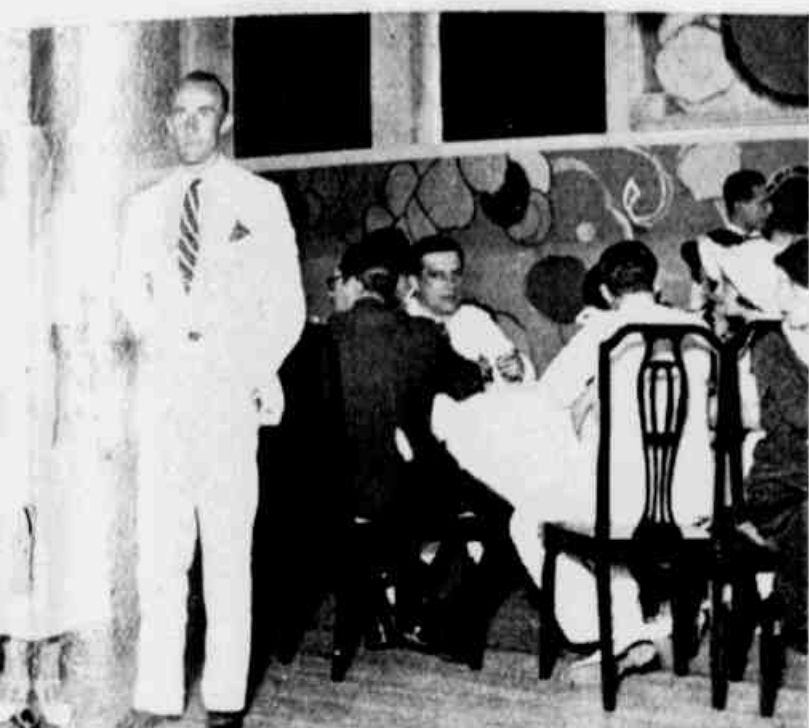
No Rio Cricket em Nictheroy.

Do Carnaval

A Baroneza Von Rez

Depois da missa em acção de graças pelo 20° anniversario da presidencia do Sr. Conde de Affonso Celso, no Instituto Historico.

Rio

R T A G E M

grande tennista Baroneza
eznich á Imprensa.

Antes do almoço á Dra. Natercia
da Silveira, no Automovel Club.

a Reznich no Fluminense.

Baile
Cigano

No Club de Regatas Icarahy.

Rio Cricket.

Na Prefeitura, quando foram entregues os premios do baile no
Municipal, do banho á fantasia e do corso de Copacabana.

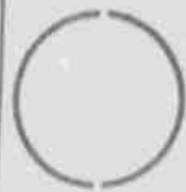
Collação de Gráo

Em cima: os bachareis em sciencias e letras do Gymnasio Bittencourt da Silva.

A senhorita Clotilde Ribeiro recebendo o seu diploma.

A sala do Cine Imperial, em Nictheroy, durante a festa dos novos bachareis.

Terra Roxa

Narbal Fontes

O vento chega assobiando
Uma estranha balada,
E, ao som dessa musica, a poeira da estrada
Levanta, dansando...
E logo se forma uma rubra parede
Até o infinito...
O mato, com febre, suplica, num grito,
Uma gotinha só, para matar a sêde!

A terra se peneira e se refina,
Para poder subir,
Mas, porque lhe falta a essencia divina,
Sóbe e torna a cair.

Passou, agora, um carro
E cobriu-me de pó:
Num mixto de alegria e dó,
Reconheço que sou feito de barro...
Meu corpo é um bloco de barranco:
Ha de brotar, em breve, um cafeeiro
Na palma de minha mão,
E, certamente, o algodoeiro
Rebentará o seu capulho branco,
Dentro em meu coração.

Principia a chover... A terra inteira
Sorve a divina magua...
Com saudade de ti, e vermelhos de poeira,
Meus olhos choram como os olhos dagua.

Vem, meu amor! Dá-me teu beijo... prova
O meu labio molhado:
Has de sentir um cheiro de moringa nova,
Um gosto de chuva que vem do telhado...

Modéla de caricia este meu corpo esguio,
Dá-lhe nova feição, infundindo-lhe calma,
E, com a agua fresca de tualma,
Enche esse cantaro vazio...

Porque, oleira amada,
O barro humilde de meu coração
Pode tornar-se em tua mão,
Numa amphora sagrada...

Dia Gosado

Pedro R. Wayne

No domingo gritão de sinos e foguetes
ninguem passa sobraçando pastas
para ganhar as commissões nas vendas.
As fabricas não apitaram porque os homens
dormiram até as onze
esperando os filhos que foram á missa.
Resvalam pelas calçadas untadas de sol
passinhos esfarelados em passeios
sucudindo fôfas formas soltas
em corpos levissimos de mulheres.
Por isso eu gosto do meu domingo provinciano,
elle é o filho bohemio da semana
que não se preoccupa com o materialismo dos trabalhos
e esbanja
pelas ruas e pelas praças
pelos cinemas e cafés
toda a alegria da cidade.

Bangalô

Carvalho Filho

Alegoria ingenua:
estes musgos, estas trepadeiras, estas
samambaias, estas hortensias. Tudo flori. Tudo
adorna humildemente a tua felicidade humana
assim tão festa mansa de côres em harmonia
pelo teu bangalô decorativo na paizagem erma
— sacrario de tua alegria.

Ha nodoas de côr, ha nevoas de luz
por todo o amplo e todo o reluzente minarête da tarde azul.

Alegoria ingenua, nesse recanto verde sem distancias.

E, sob a janella vazia da tua alcova de crystal,
mais samambaias longas são como a tua sombra que ali ficasse,
movel, verde, verde, tremula, aromal.

Canção do Aventureiro

Felix de Carvalho

(Ao Menotti del Picchia)

I

VIAJO no Pulman da Paulista.
Minha mala está cheia de conferencias
com que faço o meu officio errante...

Beduino do sonho, no deserto da vida
o meu cerebro anda em busca do Oasis
que jamais encontrei...
Bebo whisky.
O garçon espirra novamente whisky e sifão...
Bebo outra vez...

— Diga-me, cavalheiro, tarda muito a estação?
— Qual estação, senhor? — Qualquer uma...
que tenha o sangue do café nas veias,
um clube recreativo... Uns crentes do meu credo
onde eu possa recitar minha oração.
— Fica longe, senhor... Talvez que nunca chegue...

— Dá-me whisky outra vez!

E o sol, bebedo, ficou todo vermelho.
E rola pela vidraça um dinamismo doido
de cafezaes, de postes, de fios e de trilhos...

II

Cae a noite. Um frio impertinente
entra pelo vagão... Uma eslava inquieta,
descobrindo por acaso o meu segredo,
veiu trazer-me sua alma de Moscou...
— Um whisky?
— Acepto...
— Com sifão?
— Puede ser...
E a conversa se anima...
— Muchacho, va decir tus versos a Buenos Aires...
— Yo no tengo plata...
— Yo soy tu hermana, tambien no la tengo.
Soy aventurera...

— Outro whisky, garçon!
E a Vida continúa...

— Fica longe a estação?
— Não sei... O senhor donde vem?
— Da Vida...

A eslava soltou um riso cristalino
que orquestrou todo o vagão...
Chegámos.

III

A moeda de Job tilinta no meu bolso...
O vagão no seu delirio chegou á Capital.
Perdeu o roteiro com certeza o maquinista.
O dia amanheceu...
Ha um resaibo em minha boca...
Um resto de ilusão...
E a Vida continúa...
Romantismo!

A VOLTA do AFRICANO

Por Léon Gerbe

"MELANCOLIA" Gravura em madeira de G. Daragnés

ELLE chegou á aldeia ao sôarem as duas horas da tarde de um domingo. Na estrada, batida pelo sol de agosto, muita gente olhára desconfiada para aquelle homem de fardo ás costas e roupas empoeiradas e gastas.

Era alto, magro, dobrava um pouco os joelhos, alongando o passo por um velho habito adquirido em longos annos passados na tropa, com os indigenas; um collar de barba preta ornava-lhe o rosto ossudo, trigueiro, cheio de cicatrizes; duas rugas amargas sulcavam-lhe as faces de cada lado da bocca e os olhos cinzentos, velados por uma incuravel tristeza, brilnavam ás vezes, com esse esplendor frio que a vida dá ao olhar daquelles que ella feriu.

— Quem é? Você o conhece? interrogavam-se mutuamente, as mulhedo logar.

Elle, seguia com o mesmo passo mole para um ponto que parecia conhecer muito; olhava atrevidamente os curiosos; por vezes uma nuvem rosada illuminava-lhe as faces e reprimia um sorriso.

No albergue, elle parou, assentou-se, sem dizer palavra, junto de uma mesa ao fundo da sala, pediu uma pinga, encheu o cachimbo.

Nas mesas vizinhas, lenhadores e camponezes cheirando á risina e a estabulo, feltro preto inclinado sobre os olhos, jogavam manilha e bebiam vinho tinto.

Elle os examinava com o olhar, pensando:

"Reconheço-os todos, e elles não me reconhecem..."

Pela janella aberta, o céo de agosto entrava violento como o céo africano; por todos os lados, pontas de rochas e bosques velavam; o desconhecido enumerava-os com os olhos e os labios murmuravam nomes: "Miavet", "Mandrailles", "Soudard", "Lavadour", "Grangeonne"...

Ficou assim uma hora, sonhando, os olhos meio-fechados; uma idéa tenaz devia perseguil-o; de repente, levantou-se, deixou o dinheiro sobre a mesa e sahiu sem falar.

Continuou, ainda um momento, pela estrada, depois tomou o caminho da floresta da Grangeoune, o que conduz á casa da "Morte"

* * *

No meio do prado, semeado de montes de pedras, a casa da "Morte" se acocorava sob um telhado em ruinas enferrujado; por todos os lados altos fetos e giestas roliças dos bosques a vigiavam.

Era um pardieiro cujas paredes se esterilizaram á força de serem batidas pelo vento, lavadas pelas chuvas, sovadas pela neve; de tão velha não tinha mais côr; as janellas sem vidros mostravam, sobre um fundo preto, os caixilhos de ferro; a porta quasi solta rangia. O logar era triste, deserto, e aquella casa, com o seu nome funebre e seu enigma taciturno, falava de qualquer abandono sinistro.

O homem parára em baixo, no caminho e, encostado ao muro de pedras seccas, os pés na agua do caminho excavado, olhava a morada com os olhos arregalados; o sol, todo vermelho, punha manchas no arvoredo; um melro silencioso bicava a sebe de avelãs.

Elle tirara o chápéo; o suor brilhava-lhe na testa e nas fontes desguarnecidas; todo o grande corpo, dobrado em dois, tremia; elle fixava com uma especie de allucinação o pardieiro que o espiava por traz das janellas esburacadas.

Fez um esforço para se approximar, hesitou um momento diante da porta arrebentada, entre espinheiros e ortigas; na sala baixa, para não cahir, amparou-se na parede coberta de teias de aranhas e, para não ver, fechou os olhos.

Por fim, olhou; o fundo da sala estava occupado por um monte de feno que obstruia quasi a janella que dava para o bosque; a grande chaminé, estava ainda intacta com a sua coberta negra de fuligem, o velho banco, as marmitas no meio das cinzas.

Elle respirava rapidamente, com o rosto contrahido e, estendendo as mãos para a chaminé, disse em voz alta, dentro do silencio:

— Era lá?

A mesa apodrecia junto da divisão de taboas; uma alcova cujas cortinas pendiam em farrapos, vestia-se de sombra; um cheiro humido de adega enchia o ambiente; a noite e o vento en-

travam pelos buracos das paredes; o homem deitou-se de bruços sobre o feno; chorava.

\+ + +

Logo, uma novidade correu pela aldeia: Ha alguem na casa da "Morte"! De noite viam brilhar uma luz... E forjaram-se historias de almas, contos de fazer somno, com correntes, vozes, fantasmas nos quaes o Maligno tinha um papel importante. As pessoas ajuizadas piscavam os olhos e e não diziam nada, pois, para nada serve ter lingua comprida, mas pelo ar entendido pareciam saber alguma coisa. E, um bello dia, cada um repetia, em segredo, ao vizinho:

— Sabes?... A alma, é o Africano, o homem da "Morte", aquelle que vimos passar no domingo.. Elle não tem medo!

Então começaram a vigial-o e, quando elle ia buscar agua no prado, quando percorria o bosque para caçar ou pescava trutas, adivinhava olhos occultos por traz das folhas; o mais terrivel era que nunca via ninguem; os pastores fugiam quando se approximava, abandonando no meio do campo as vaccas e as ovelhas, sem cabeça para se occuparem dos animaes; quando por accaso ouvia o ruido de tamancos na estrada, apparecia na porta, saudava o transeunte, mas esse virava o rosto e não respondia.

No terceiro domingo, não poude mais; foi á aldeia; os botequins das estradas estavam cheios; reconheceram-no de longe:

"Lá vem o Africano!" "La vem o Africano!"

Passou diante das casas, grande, magro, a barba toda negra, queimado de sol; as mulheres — as que o haviam conhecido moço — erguiam uma ponta das cortinas e sussurravam:

— Virgem Maria, como elle mudou!

Não ousavam dizer "o pobre" e accrescentavam: "Entretanto, conserva a expressão de teimosia e o ar desageitado do pae, o fallecido Mouvi..."

Parou na praça, de onde os homens, reunidos sob uma arvore, o viam approximar. Fixou-os ousadamente, conservou-se um momento silencioso, depois, bruscamente, com a voz surda, disse:

— Sim, sou o Africano! o homem da Morte! Vocês me reconhecem! Terminei o meu tempo na Legião... E depois, estou na minha casa, lá em cima! E com o braço secco designou os bosques negros onde, numa clareira, o pardieiro sonhava com o seu segredo vermelho, sob o telhado pesado. O velho Crédigne, a quem, por respeito á idade avançada e vastos campos, chamavam sempre de conselheiro, falou:

— Sim... nós te reconhecemos, mas por que voltaste? Infeliz, não devias ter voltado!

O Africano deu de hombros, e riu:

— Estou na minha casa, lá em cima! E, não tenham medo, não lhes farei mal... Ella, era uma garça! Eu tinha a mão muito pesada...

Calou-se, esperou uma palavra, mas ninguem a pronunciou; então, voltou-se e, com a cabeça pendida para a frente, a espinha mais curva ainda, retomou lentamente o caminho da floresta.

\+ + +

Depois desse domingo, parecia que qualquer coisa mudára na aldeia; o ar não era mais franco.

Uma manhã, surgiram soldados: — E' para o Africano! E, como si se approximasse um alivio, a alegria illuminava os rostos; só alguns velhos meneavam a cabeça.

Eram dois, os soldados, e sem perguntar nada a ninguem, tomaram o caminho da Grangeoune.

— Vae acontecer alguma desgraça... O Africano não é de brinquedo!...

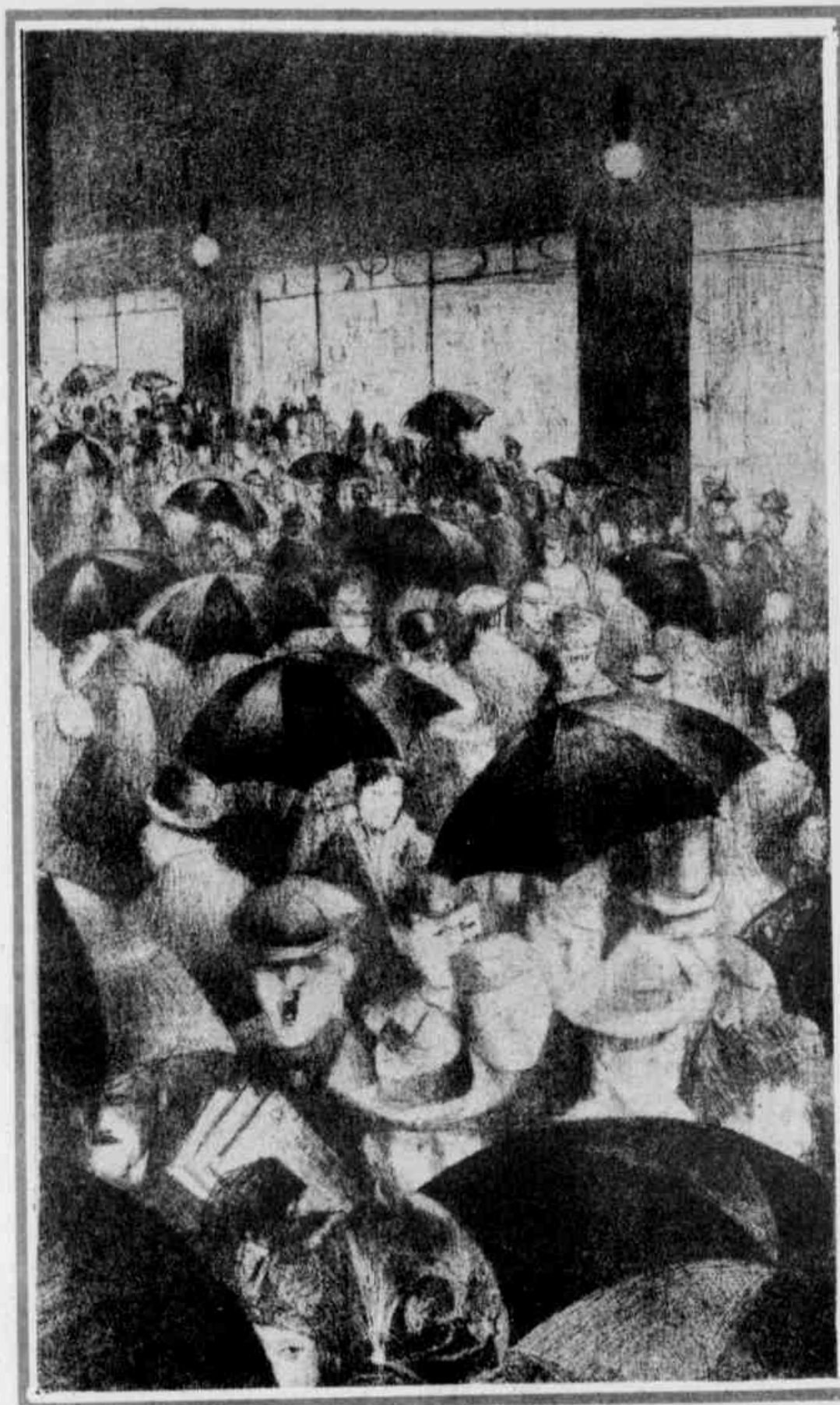
E as mulheres se benziam com o rancho de filhos em torno das saias. Elle dormia no feno quando os soldados chegaram; despertou ouvindo as botas ferradas rasparem as pedras da porta; poz-se de pé, tomou uma expressão engraçada, murmurou:

— Eu os esperava!

A porta estava solidamente fechada, resistiu aos empurrões; então elle se approximou, viu os dois soldados suando, vermelhos, de revolver na mão; tirou o ferrolho, abriu a porta e pousado, grande, tranquillo, olhou-os; os dois recuaram, surpresos, mas o Africano collou-se entre elles, dizendo: "Vamos, não tenham medo, pódem me levar!"

Já no meio do terreno fronteiro á casa, parou, voltou; os dois o seguiram e, na sala, o Africano, como que querendo se livrar de um grade peso, foi dizendo:

— Ella estava lá, dormia na poltrona junto do fogo, com a cabeça no braço; eu bebêra em Bort; tinham me contado tudo... que o Marquat sempre

(Termina no fim do numero)

"Oxford Street"
em Londres ao entardecer
lithographia de
C. R. W. Nevinson

COSTURERITA

Por

A. C. PRADO

Desenho de Modigliani

PELA manhã, quando a cidade acorda somnolenta, os passos t a r d o s arrastam-na para dentro da officina onde se acostumou a desfiar as nove horas longas do seu trabalho adiario.

Vae devagar. Descuidosa dos passos que lhe retardam a marcha. Leva nos labios o sorriso da claridade nascente e o distribue entre os que passam por ella e se fixam no seu olhar ingenuo.

No "atelier" trabalha o seu tempo. A's vezes desperta do interesse pelos seus affazeres quando a victrola do vizinho, numa voz rouquenha grita para o meio da rua:

"Donde estás, corazon...
...no oigo tu palpitar.
Es tan grande el dolor
que me siento llorar..."

Ella gosta do tango sentimental. Talvez que a canção traduza alguma cousa que lhe vae n'alma. Talvez não saiba onde esteja o seu coração. E sinta uma vontade grande de chorar. E é só. Quando a victrola emmudece, os seus olhos se voltam para a agulha da machina de costura que vae lancetando o panno branco dos vestidos por fazer.

Pelo entardecer, já em meio as luzes da cidade, os mesmo passos tardos a conduzem á casa.

Vae devagar. Descuidosa dos passos que lhe retardam a marcha. Mas os seus labios, pelo entardecer, vão vazios do sorriso cheio da claridade nascente.

Curso de gymnastica rythmica Sylvia Accioly

E' uma tentativa de uma brasileira, que, tendo aprendido na Allemanha a mais moderna e racional gymnastica para moças e creanças, deseja introduzil-a entre nós. A senhora Sylvia Accioly está nestas photographias, com algumas discipulas, em exercicios no curso que acaba de inaugurar, á Avenida Rio Branco, 90.

Na Candelaria quando foi a missa de graças pelo feliz regresso do "Belmonte".

ACASO

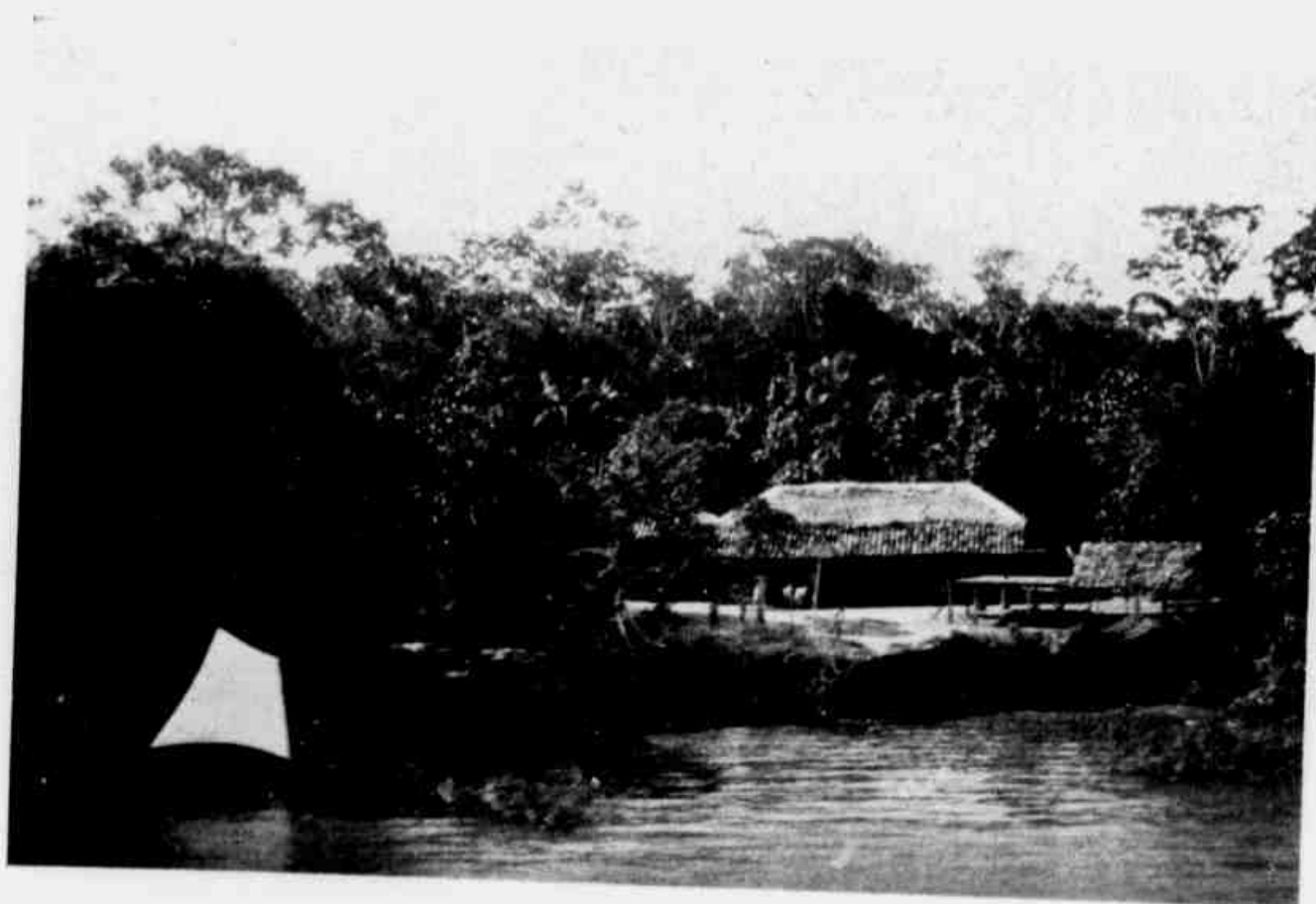
Um engano de paginação truncou, no numero passado, o conto "Acaso" de Li Eka Nakos. Publicamos a seguir o pedaço que faltou:

a desencaminhára e, a mulher vindo a a saber, a expulsára de casa. Não tendo então para onde ir, com medo de voltar para a casa da avó, empregára-se como criada num bordel; depois, entregára-se ao outro officio. Estava nessa casa ha mais de dois annos, quando um bello dia sentiu que ia ser mãe. A patrôa aconselhou-a a se desembaraçar o mais de pressa possivel do fardo incommodo. Mas, eis que uma alma maternal se revelou nella, e não quiz saber dos conselhos que lhe davam. Amava já o pequeno ser que ia nascer. E sentia uma horrivel repulsa pelo ambiente e seus frequentadores. Tornára-se um sêr inutil e uma carga na "pensão". Resolveu partir. Mas a patrôa não lhe entregava o dinheiro a que tinha direito. Por fim, um dia, fugiu. Não pensára na ignominia das creaturas. Os homens, nos cafés da pequena cidade, narravam a sua aventura, e se divertiam á custa della. Todos sabiam a sua historia, desde o leiteiro até o Prefeito. Quando um dia procurou sahir da casa onde se fechára e que parou na calçada, estonteada com a luz forte do dia, hesitante sobre o caminho a tomar, o pequeno embrulho de roupa debaixo do braço, uma grande gargalhada estourou no café em frente.

Surpresa, olhava, de braços cahidos. Alguem atirou-lhe uma bengala nas pernas, e isso fez desabar um verdadeiro bombardeio de agua de siphons, emquanto todos que estavam no café a insultavam. A garotada do bairro, que brincava na agua suja da sargeta, teve a idéa de perseguil-a. Afflicta, tomou o caminho contrario, foi dar justamente no centro da cidade, na "agora". Atraz della as crianças corriam, atirando-lhe em cima tudo que encontravam no caminho. As mulheres se voltavam para vel-as, os homens a acolhiam com graças pesadas. Corria desgrenhada, abrindo caminho atravez do opprobrio geral. Seguiram-na até fóra da cidade, e a policia, com certeza, a procurava. E de novo a mulher se pôz a chorar:

— Comprehendes? Não tenho para onde ir. Si volto para casa, os meus parentes me matam; conheces os costumes barbaros dos Maniotes. Só me resta jogar-me do alto deste castello! E, entretanto, eu desejava tanto viver, vêr nascer o meu filho! Vejo-o todo côr de rosa, enfaixado, estendendo-me os braços... Sinto-

Enlace Judith Fontes com Armando Sá, em 17 deste mez.

Lá no Amazonas

Margens do grande rio vistas de bordo de um navio do Lloyd.

Em Manáos

Igreja do Pobre Diabo

As moradas typicas e as embarcações dos praieros.

Manifestações a chefes de serviço da Light

Na "Cidade Light": o Sr. Charles A. Barton, Superintendente do Deposito de Tracção e Officinas, em seu gabinete, cercado dos Encarregados, Sub-Encarregados e auxiliares das diversas secções das Novas Officinas e da Garage Maurity, por occasião da manifestação de desaggravo feita a esse chefe.

Na Estação da Viação Excelsior: Manifestação de desaggravo aos Srs. W. J. Wolley, Superintendente Geral da Viação Excelsior, E. M. Pullen, seu Assistente e Castello Branco, Superintendente Geral do Trafego.

Aspecto da grande massa de funccionarios que tomaram parte na manifestação ao Sr. J. M. Bell, Superintendente Geral da Light & Power.

Alguns funccionarios da Light & Power enviaram um memorial ao Sr. Getulio Vargas indicando varios chefes de serviço daquella empresa que deveriam, a seu ver, ser dispensados.

Desde o dia em que o referido memorial foi publicado, provocou, nos varios departamentos da Light, as maiores manifestações de repulsa e aos chefes visados pelo intempestivo documento as mais significativas homenagens.

Foram alvos dessas expressivas manifestações: o Sr. J. M. Bell, Superintendente Geral da poderosa empresa, o Sr. R. L. Protheroe, Superintendente da Divisão de Distribuição do Departamento de Electricidade, os Srs. Wangler, Wolley, Pullen e Castello Branco, respectivamente, Superintendente Geral de Transporte, Superintendente de Divisão de autos, Assistente do Superintendente da Divisão de autos e Inspector Geral da "Excelsior", o Sr C. A. Barton, Superintendente do Deposito da Tracção e Officinas, o Sr. Freitas Lopes, da Secção de Trafego e outros chefes.

O lamentavel incidente serviu para mostrar aos chefes da Light & Power o quanto são elles estimados pelos seus subordinados.

Pequenas Historias de Todo Mundo

ESTA é de Rochefort: Lembro-me de ter ouvido, certa vez, uma mulher sustentar que uma das suas camaradas, notavel pela belleza, tinha no rosto uma grande mancha côr de vinho. E, como todos os presentes protestassem com vehemencia, ella accrescentou, para justificar a affirmacão:

— Não se percebe por que é uma mancha côr de vinho branco, mas não deixa de ser uma mancha côr de vinho.

NUM ensaio. A estrella não está muito contente com os seus papeis e ensaia-os com um enthusiasmo relativo. E o autor se incommoda:

— E' curioso, você tão alegre, tão engraçada conversando, aqui no palco está sinistra.

E a estrella com grande simplicidade:

— E' que, quando converso, digo coisas minhas!..

DE Robert de Traz: A criança ciumenta — Leopoldo tem quatorze annos, irmãos que o maltratam e um unico amigo que bem cedo lhe faz a confidencia do seu noivado com uma linda creatura, Laura Morrens. Leopoldo é ao mesmo tempo o confidente de Laura, com quem elle fala em Etienne, e de Etienne com quem elle fala em Laura. O casamento se celebra durante uma ausencia do menino. Quando volta, constata, com tristeza, que os amigos não pensam mais nelle; estão completamente entregues ao amor.

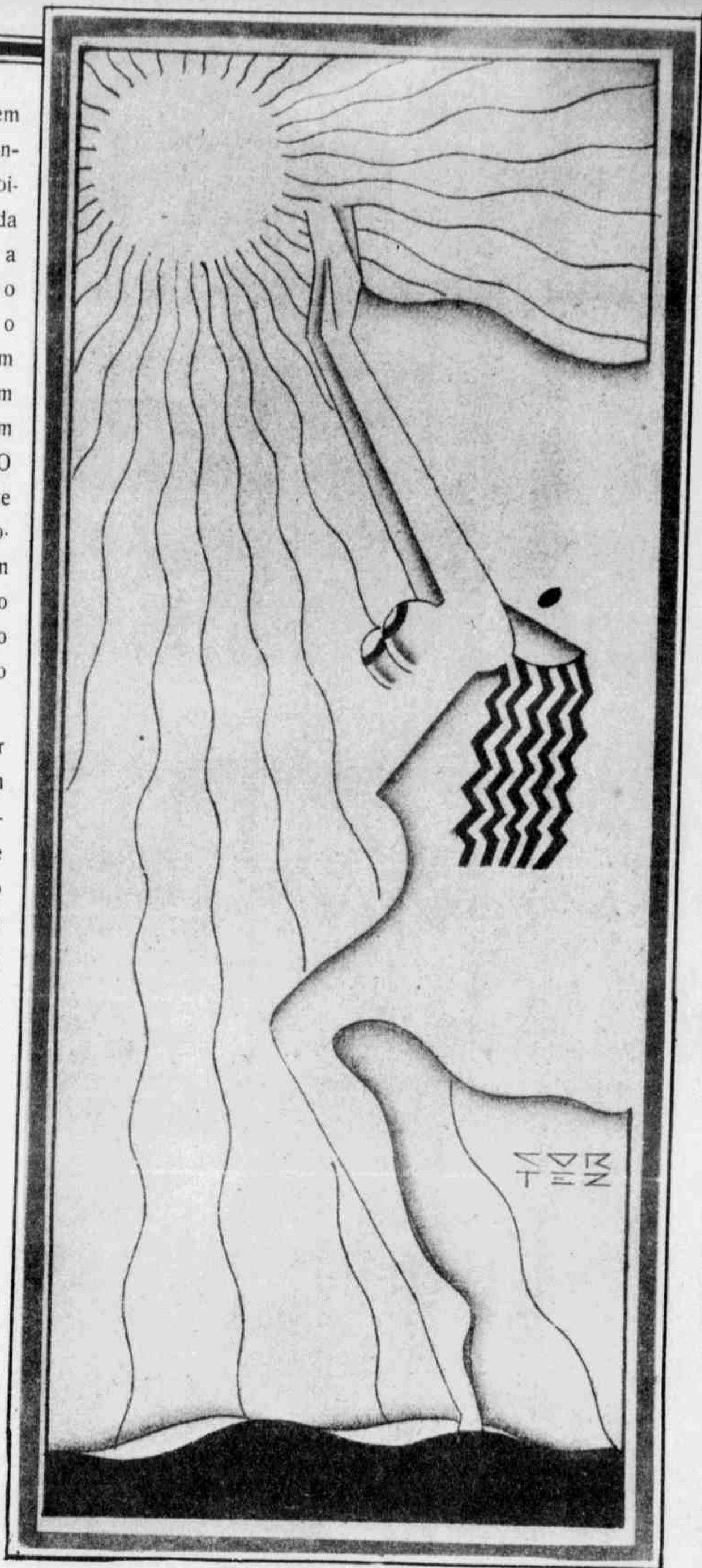
Elle os detestará por essa indifferença, ficará com ciumes de Laura que lhe conquistou o amigo e de Etienne que tem todo o pensamento da linda Laura pela qual Leopoldo experimenta um começo de Amor. Mas a vida passará, Leopoldo envelhecerá, ganhará juizo, e conservará apenas dessa historia a doce lembrança daquillo que esperou um instante, vagamente.

Robert de Traz

JANE e Margot, duas grandes amigas, saem de uma papelaria. Jane, dezessete annos. Margot, quinze.

Jane pergunta, curiosa:

— Por que compraste duas qualidades de papel de carta?

— Ah! é porque quando escrevo a Paulo, — explica Margot com uma candura perfeita, — uso o papel vermelho que significa *amor*, e quando escrevo a Jorge, uso o azul que significa *fidelidade*.

"Exaltação"

desenho de Cortez

Ensemble de Gorin. Sob um manteau de lã marron, beige e branco, guarnecido de carneiro, um vestido de crepe da China muito simples, que póde ser combinado com uma blusa de crepe da China branco e tambem com um "blouson" de couro perfurado.

PARA esta epoca de restricções os costureiros, muito mais praticos do que se póde imaginar, crearam "ensembles" cujo aspecto varia segundo a hora e o logar. Conseguem combinações elegantissimas, que transformam o aspecto de um vestido e mudam o nosso porte, roçando apenas, de leve, nos capitaes...

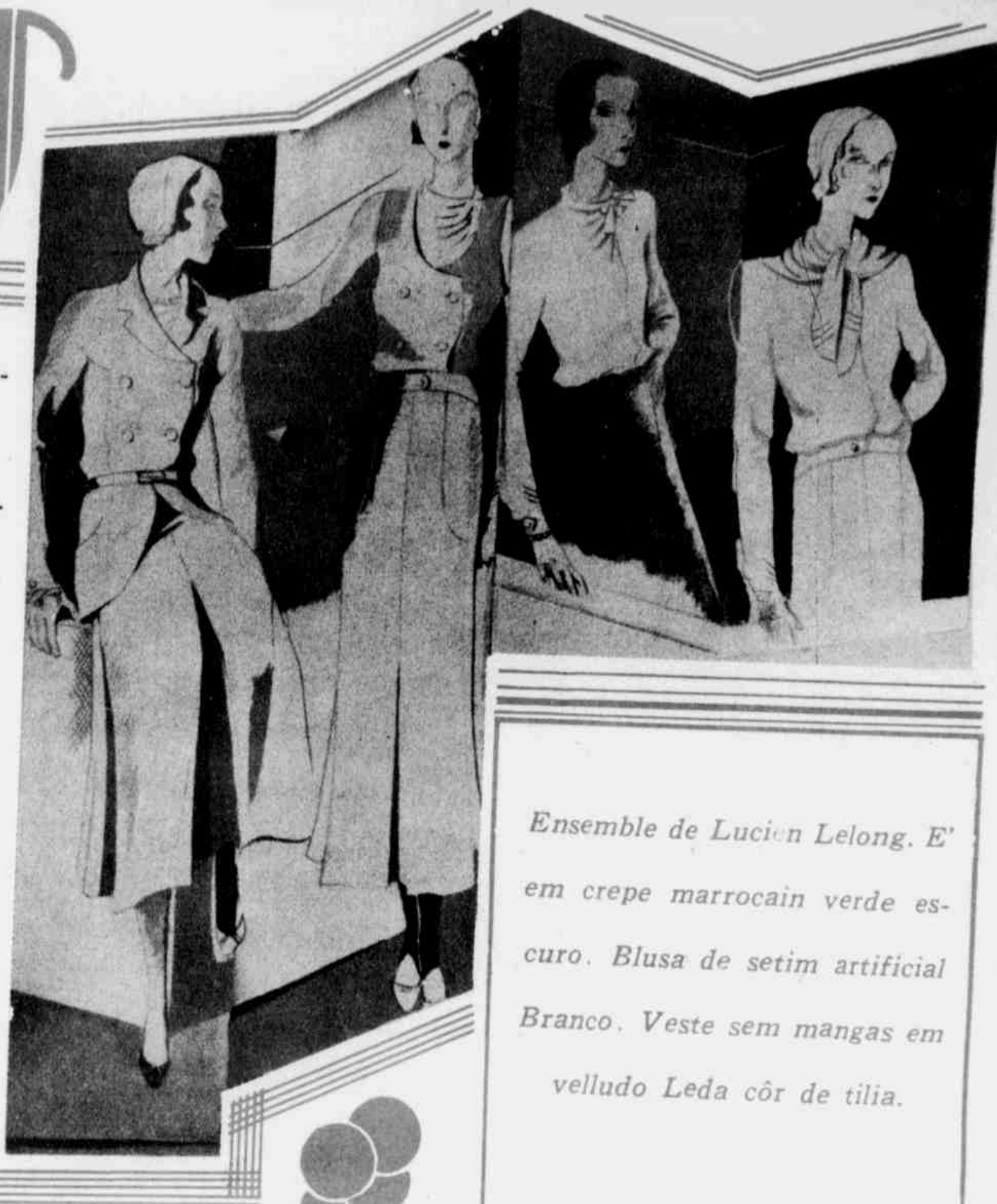
Lucien Lelong apresenta muitos modelos no genero em que a combinação de côres é quasi sempre ousada.

Para estas tardes quentes, de vida á beira - mar, é muito pratico adoptar os tecidos menos caros como o tussor, as "mousselines" floridas, os "foulards" de "pois,", eternamente em moda.

Depois de muitos mezes de incertezas e de hesitações, a seda artificial conquistou definitivamente, os costureiros. Os bellos setins brilhantes começaram dominando á noite. Hoje, mesmo á tarde, já é empregado, de mistura com outros tecidos.

DAS

E o branco apparece frequentemente em blusas estylo "chemisier".

Aliás é commum verem-se coisas, por longo tempo desdenhadas, subitamente ganharem enorme voga. E' preciso renovar e a moda feminina utilizar os progressos da technica moderna para realizar creações preciosas e artisticas. Seria espantoso que os costureiros não se inspirassem num tecido que offerece reflexos tão bellos, para crearem effeitos ineditos e seductores.

Ensemble de Lucien Lelong. E' em crepe marrocain verde escuro. Blusa de setim artificial Branco. Veste sem mangas em velludo Leda côr de tilia.

PARA AS CREANÇAS

O TRABALHO da SEMANA

Esta lanterna muito simples é de grande effeito, tanto executada em pergaminho, com os desenhos a nankin e ligeiros toques de gouache, como em seda com applicações de velludo.

Entre os livros

Poemas de los caminos -- de Heitor Minnini -- Montevidéo

Uma poesia que se mostra sem sujeições, sem deturpações, sem retoques. Despreoccupada e sincera como brotou. E por isso mesmo, bella, emocional e verdadeira.

Não sei porque ainda ha poetas que complicam a poesia com floreios suspeitos e enfeites que ella não precisa. Poesia é simplicidade e sinceridade. Poesia é isto que resuma do livro do senhor Hector Minnini, poeta jovem do Uruguay. Os "Poemas de los caminos" são magnificos. Revelam uma intelligencia nova, inquiéta, antenna que vae captando as sensações que a vida empurra pro nosso caminho. Dahi uma grande variedade de aspectos que, pra alguns, poderá parecer um defeito. Não pra mim. Porque, confesso, me seduzem esses espiritos assim ageis que não se apegam escandalosamente á determinada senda, mas têm o sentido multiplo pra visão das coisas.

Ha aqui um espirito agitado, moço, muito moço, que procura se libertar de uma porção de limitações absurdas. Um espirito indisciplinado de luctador. As pequenas indecisões não chegam a ser notadas. O que apparece é uma personalidade original e marcada.

Pra que vocês vejam que eu não minto, está aqui um dos poemas do senhor Hector Minnini:

"Poema al emigrante"

"Emigrante:

Estás en la vida como un Navio...
Saturado de los Puertos del Mundo.
Extranjero de todos los caminos,
Enarbola bien alta la bandera
De tu proprio destino milagroso.

Alarga tu visión hacia los espacios...
En esfuerzo magno de esperanzas.
Emigrante:

Hay um tremblor de Alas armoniosas,
En toda la búsqueda de horizontes.
Tienes las pupillas llenas de ensuenos.
Y en el corazón llevas la musica
De todos los idiomas generosos.
Emigrante:

Que marchas ebrio de luz promisora,
Estás en la vida como un Navio...
Saturado de los Puertos del Mundo".

Dante Costa

Waldemar Marques, proprietario do "Foto-Waldemar" — Madureira.

Leonidas Korinfsky — **Russia no passado e no presente** — Um dos livros mais serios e interessantes que se têm escripto sobre a Russia é, incontestavelmente o que acaba de ser divulgado com o titulo acima pela Civilização Brasileira Editora. Não é um livro tendencioso. Mas verdadeiro, fazendo um retrospecto historico do regimen imperial e um inquerito documentado sobre as realizações sovieticas. Tudo quanto nelle se divulga foi publicado em Berlim na revista **Sino Russo,** do professor Ilhin, creada para o intercambio intellectual entre os emigrados russos. E em nenhuma outra parte se adquirirá uma noção mais legitima da Russia sovietica, como nesse livro admiravel no qual se evidencia o crepusculo do communismo e a resurreição da verdadeira Russia sob outra politica menos sanguinolenta e menos individualista. **Russia no passado e no presente**, traduzido no Brasil pelo emigrado Dr. Leonidas Korinfsky e Dr. J. A. Mac Dowell é uma obra de documentação e de verdade.

Carlos Rubens

QUE PENA!

UM dia, examinando na Universidade de Koenigsberg, Kant perguntou a um dos estudantes qual era a origem das auroras boreaes.

— Oh! Senhor professor, respondeu o alumno todo confuso, eu já soube mas, neste momento, estou esquecido.

— Eis ahi uma coisa profundamente lamentavel, pois o senhor é o unico homem no mundo que soube isso.

A VOLTA DO AFRICANO

(F I M)

vinha vel-a emquanto eu andava pelas estradas com carregamento de madeira... O machado estava lá e luzia á luz das brasas... eu bebêra, estava louco, via vermelho... Ella não deu nem um grito... Quinze annos passei na Africa... Voltei... Que querem, eu desejava tornar a ver tudo! Agora revi tudo: a casa, o tempo passado, a terra, as pessoas com as quaes eu me dava e que agora têm medo de mim e... Ella tambem, eu revi...

Tremia, saiu pela porta e não deu mais nenhuma palavra.

Caminhava docilmente entre os dois soldados; assim chegaram á aldeia; totodos os habitantes estavam na rua para os ver passar; elle não via ninguem, os seus olhares iam longe e tinham uma luz de reflexos estranhos e febris.

No momento de atravessr a ponte sobre o rio, murmurou:

— Estou muito contente... Estou muito contente...

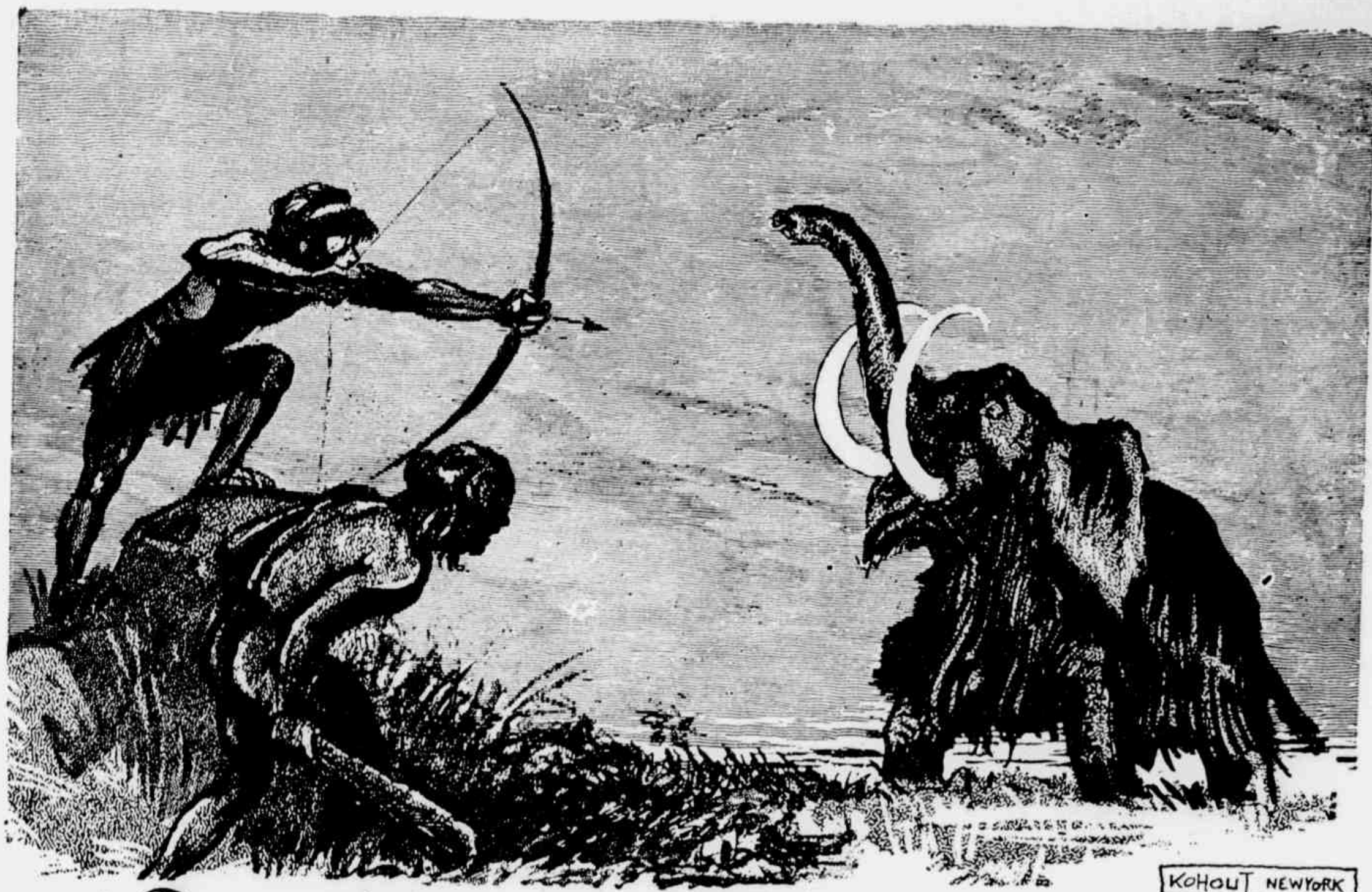
E antes que os soldados pudessem intervir, ganhou de um pulo selvagem o parapeito e o seu grande corpo desappareceu com um "ploc" surdo na agua escura do sorvedouro.

SOBRE RACINE

UM curioso conceito de Malcoln Cowley: "Os personagens de Racine têm a dignidade de gatos. Ronronam em alexandrinos; de repente, perturbados pela paixão, sibilam, arranham, gritam; abandonam o repouso por uma dignidade nova: a das forças natures em movimento".

PINTURA MODERNA

R ROGERS no "Bulletim du City Museum de Saint Louis", num magnifico estudo, assim se exprime sobre a pintura moderna: "As deformações, os exaggeros e as apparencias de excentricidade do modernismo sincero se explicam pelas exigencias do agrupamento dos elementos isolados de nossa visão. No fundo todos os grandes artistas do passado faziam isso. A unica differença é que os artistas de hoje fazem mais conscienciosamente do que os seus predecessores... Todos os grandes artistas não nos dão nunca o mundo que elles *vêm* e sim o que elles entrevêem depois de uma selecção, um arranjo, uma combinação, afim de que um mundo pessoal e de outra fórma significativo se crie deante de nós".

KOHOUT NEW YORK

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

VISITE AS NOSSAS EXPOSIÇÕES PERMANENTES DE

MOVEIS,

TAPEÇARIAS

E

TECIDOS FINOS

PARA

DECORAÇÕES

MADRÁS

CRETONNES

GOBELINS

DAMASCOS

TOILES

PELUCIAS

VELUDOS

MOIRÉS

ETAMINES

SETINETAS

ETC

OS NOSSOS TECIDOS OFFERECEM ILIMITADAS POSSIBILIDADES PARA TODOS OS PROPOSITOS DE ESTOFO E DECORAÇÕES

65-Rua da Carioca-67

Rio de Janeiro